

CRÍTICA.

## OS MODOS DE PENSAR NA GEOGRAFIA HUMANA

PIERRE MONBEIG

*É com sincera satisfação que o Boletim Paulista de Geografia acolhe, em suas páginas, o presente artigo do prof PIERRE MONBEIG, sócio honorário da A.G.B., seu presidente de 1935 a 1946 e antigo professor de Geografia da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Trata-se de um trabalho que será publicado em França, numa coletânea elaborada pelos antigos alunos do eminente prof. Lucien Febvre, como homenagem ao seu 75º aniversário natalício.*

Bons mestres e bons livros já muito aconselharam os geógrafos para que renunciassem às explicações simplistas. Suficientemente advertidos, não se cansam eles de assinalar a complexidade dos fenômenos em que participam as sociedades humanas. Tais advertências são reiteradas aos principiantes para que evitem os caminhos estreitos e os limitados horizontes até onde os conduziria uma observação parcial ou unilateral dos fatos. Abramos dois dos "brevíários" de nossos estudantes: é Max. Sorre quem, esforçando-se por esclarecer a noção de gênero de vida, escreve que é ela "extremamente rica porque abarca a maior parte, senão a totalidade das atividades humanas" e "os elementos espirituais aparecem ao lado dos elementos materiais mais acessíveis" (1) é também André Cholley lembrando aos geógrafos iniciantes que, nesta mesma noção de gênero de vida, "os fatores de ordem moral e psicológica ocupam um lugar pelo menos tão importante quanto os elementos materiais" (1). Comparemos estas frases tão claras com outras, escritas por homens cujas preocupações são bastante diferentes: exprimem a mesma necessidade de não sub-estimar os fatores psicológicos. Modos de sentir e modos de pensar têm seu lugar na história das civilizações. Friedmann acentua "o que ganhariam as ciências do homem com um estudo sistemático das relações entre a mentalidade e as condições de vida, recolocando as sensibilidades e os espíritos em seu meio total, em que as técnicas se tornaram particularmente influentes" (2).

(1) SORRE (Max.), *Les Fondements de la Géographie Humaine*, t. III, "L'habitat", p. 1; CHOLLEY (A.), *Guide de l'étudiant en Géographie*, p. 48.

(2) FRIEDMANN (Georges), *L'homme et le milieu naturel* — "Annales d'Histoire Sociale", 1945, homenagem a Marc Bloch, t. II, p. 103-110.

O acôrdo é perfeito. O geógrafo, atento de início às técnicas, observador escrupuloso das maneiras materiais de viver, junta-se aos historiadores e aos sociólogos para proclamar que convém também estar atento aos modos de sentir e aos modos de pensar. No entanto, admitido o princípio, que se tem feito? Este lugar, que a Geografia Humana concede sem titubeios aos fatores de ordem moral e psicológica, será tão grande que esteja a exigir uma definição de princípios?

Para bem avaliar-se a questão, basta folhear a maior parte de nossos "clássicos": os volumes da "Géographie Universelle" de La Blache e Gallois, as teses (que se vão tornando raras, no campo da Geografia Humana) ou revistas. Oferecem ao leitor um tesouro de informações, quer quanto às condições físicas das regiões em que vivem os grupos humanos, quer sobre o comportamento material de tais grupos. Mas o leitor, que não é necessariamente um geógrafo e pode muito bem ser um espírito curioso, por gosto ou por necessidade, não encontrará o que esperava encontrar: o homem, com suas maneiras particulares de pensar e de sentir. Estas estão ausentes, como se se tivesse esquecido que são partes integrantes dos gêneros de vida. Além de todas as riquezas ou misérias da América Latina ou da Normandia, desejais saber como pensa um sul-americano ou como pensa um normando? Não é ao geógrafo que convém que vos dirijais, mas a autôres que estão à margem de nossa corporação. Não será esta, por ventura, uma das causas da pequena atração que sente o homem culto por nossas publicações geográficas ou do reduzido êco que elas obtêm fóra dos círculos universitários?... O leitor não especialista sabe perfeitamente que encontrará, em nossos trabalhos, uma quantidade de algarismos, de fatos e mesmo de idéias muito úteis; no entanto, também sabe que não encontrará ali o que igualmente procura, isto é, homens que pensam e que não pensam como todos os outros, esta matéria de que necessitará se fôr à América do Sul ou à França de oeste.

Nossos estudantes, em vésperas de exames, julgam que não erram ao suspender seus lapis ou canetas todas as vêzes que, por uma desgraça qualquer, lhes falamos de um homem-que-pensa e não apenas de um homem-produztor ou de um homem-habitante. Tais jovens sabem muito bem que os seus julgadores não esperam deles nenhum conhecimento a respeito da mentalidade dos negros da África Ocidental Francêsa ou dos índios do México; são bastante espertos para concentrar suas atividades intelectuais sobre as técnicas do "lougan", as superfícies das "haciendas" e o número dos "ejidos"... De que modo poderíamos censurar os estudantes? Acham-se eles animados por um muito louvável desejo de fazer obra

científica; ora, as maneiras de pensar, é claro, não constituem a ciência! Trabalhar cientificamente, tal é o louvável ideal de nossos jovens; mas, para eles, isto significa muito frequentemente deshumanizar a pesquisa. Possuem uma sólida fé nos documentos escritos, nos mais perigosos de todos: as estatísticas. Uma pesquisa de Geografia Humana consiste, no seu entender, em debruçar-se por sobre os tesouros estatísticos de uma Municipalidade ou de um serviço administrativo qualquer; mais venham a ser acumuladas listas de algarismos e mais se pensará haver feito um bom trabalho. É isto o que se chama fazer uma pesquisa sobre o terreno. Julgo, porém, que ela não satisfaria meu Mestre Demangeon, nos tempos em que ele lançava em plena natureza seus estudantes, acompanhados de seu precioso questionário. Os tesouros das secretarias das Prefeituras, sem dúvida, não nos forneciam todos os seus segredos, mas nós regressávamos com uma grande provisão de calor humano. É bem verdade que se dizia que Demangeon era um "idealista"...

Assim sendo, idealistas também devem ser considerados todos quantos, dentre nós, sabem e dizem como poderosas são as consequências de uma atitude mental e quantos traços pode ela gravar na geografia de um país. Por isso mesmo, Etienne Juillard, passando pelo Val d'Anniviers, cerca de meio-século após Jean Brunhes e admirando-se com a permanência paradoxal dos gêneros de vida a dois passos dos grandes caminhos do Valais, chegou à última explicação: torna-se preciso analisar as almas (3). Por sua vez, Gachon mostra, em seu Maciço Central, os efeitos psicológicos do despovoamento, o deslocamento entre uma mentalidade eminentemente social e as condições materiais da vida; no Livradois, diz ele ainda, existem "povoados em que reinam a aliança e a cooperação" e que são "prósperos unicamente por esta razão psicológica" (4).

Um esforço bem mais sistemático foi tentado por Deffontaines com seu livro de título promissor — "Géographie et Religion". Recentemente, tornou ele mais preciso seu pensamento num artigo, cuja conclusão define o papel que atribui à geografia religiosa: "o importante é pesquisar com minúcia, sagacidade e ternura quais os meios através dos quais a espécie humana tornou-se a tal ponto industriosa e criadora de paisagens geográficas" (5). Percebe-se perfeitamente que, na linha traçada por Deffontaines, modos

(3) JUILARD (Etienne), *Val d'Anniviers*, "Annales — Economies, Sociétés, Civilisations", 1950, n.º 1, p. 81-86.

(4) GACHON (Lucien), *Récents déprises et reprises humaines sur les massifs anciens du Centre de la France — L'exemple du Livradois* — "Revue de Géographie Alpine".

(5) DEFFONTAINES (Pierre), *Valeur et limite de l'explication religieuse en Géographie Humaine*, "Diogenes", 1953, 2, p. 54-78.

de sentir e modos de pensar apenas interessam ao geógrafo naquilo em que contribuem para a elaboração das paisagens. Todavia, sem cogitar da questão de substituir a Geografia outras ciências mais bem qualificadas ou de se encarregar do estudo das mentalidades em si mesmas, pode-se pensar que Deffontaines limita o campo de ação da Geografia Humana, reduzindo seu domínio ao que é diretamente perceptível na paisagem. Sua obra, apesar da abundância dos exemplos que apresenta, mostra-o claramente: prende-se somente às marcas mais concretas, as mais palpáveis que as crenças e sensibilidades religiosas puderam imprimir às paisagens. Não existiriam, neste particular, horizontes mais vastos a explorar? Porque, para um geógrafo que liga o conhecimento do Canadá ao da América Latina, o verdadeiro problema de geografia religiosa não consiste em pesquisar se as mentalidades católicas e, por conseguinte, distintas representaram algum papel no processo de organização das sociedades coloniais? Dêste modo, não significaria deixar o jardim da Geografia Humana pesquisar até que ponto as formas opostas de tomada de posse do solo refletem mentalidades diferentes entre colonizadores católicos e protestantes do Novo Mundo. Seria o mesmo que considerar desprovido de seriedade geográfica verificar porque certas regiões parecem ter uma vocação para terras de heresias.

É bem verdade que os geógrafos não se acham preparados para o estudo das mentalidades. Eles sabem disso e recusam-se a experiências audaciosas. Por isso, numa excelente monografia a respeito de uma aldeia das margens do Níger, o autor que observa a frequência da linha curva no traçado das porções cultivadas pensa que poderia encontrar uma explicação no "psiquismo dos Negros", embora acrescente, tão depressa quanto prudentemente, que tal fato não nos é suficientemente conhecido (6). A pesquisa geográfica tem, acaso, igual timidez quando faz geologia ou ciência econômica?

Uma das melhores justificativas para essa prudência incomum encontra-se no temor da má literatura, que poderia ser uma geografia das mentalidades. Uma certa geografia psicológica ocasionou, noutros tempos, a vigorosa indignação de Demangeon, que possuía bastante bom senso para não se deixar levar num turbilhão de fatos e de idéias. Não se trata de propugnar por uma nova Geografia, fosse ela psicológica ou não, e, ainda menos, de torná-la o coroamento da Geografia Humana.

Por outro lado, não se cogita de proclamar a primazia da mentalidade e conceder-lhe "a priori" uma espécie de preeminência

(6) STRASFOGEL (S.), *Gouni, étude d'un village soudanais et de son terroir*. Mémoires et Documents du Centre de Documentation Cartographique et Géographique, Paris, t. I, 1930, p. 2-106.

na explicação geográfica. Reabrir o debate entre o ovo e a galinha a propósito das estruturas econômicas e das super-estruturas mentais não nos levaria a nenhum resultado; mas desmontar o mecanismo que as reúne e procurar como tal mecanismo possúe origens e conseqüências geográficas seria frutuoso. O que se pretende é que sejam associados mais frequentemente o estudo dos modos de pensar e o dos gêneros de vida. Os geógrafos e, particularmente, os geógrafos franceses têm diante de si um campo de trabalho muito rico, tanto mais que numerosas monografias sociológicas, sobretudo americanas, têm caído num excesso inverso. Um belo livro, obra de um sociólogo, já me fornece ocasião de demonstrá-lo (7). É a história de um pequeno burgo da Serra do Mar, no Brasil, onde uma revolução agrícola ocasionou, por volta dos anos de 1932-35, uma evolução dos modos de pensar. No entanto, a transformação das técnicas e da produção foi incompleta, porque os velhos modos de pensar transformaram-se com maior lentidão. Cunha é um belo exemplo de complexo geográfico inexplicável apenas pelo jôgo dos mecanismos econômicos, como pelo quadro físico ou pelo comportamento de sua população.

O esforço para penetrar e compreender as maneiras de pensar do grupo estudado torna-se ainda mais necessário se elas diferem das nossas. Cholley observou que uma das dificuldades da Geografia Humana, desconhecida na Geografia Física, consiste no fato de exigir julgamentos de qualidade (8). Por isso mesmo, torna-se preciso ter cuidado em não julgar em relação a si mesmo. O pecado do europeu-centrismo, tão corrente nos estudos de Geografia Física, é ainda mais temível para a Geografia Humana, que se afasta de nosso continente. Não estamos acostumados a assistir a oposição dos sábios provérbios de nosos camponeses às práticas culturais dos agricultores tropicais? E, no caso, trata-se apenas de técnicas do solo. Poderemos compreender o amortamento dos Negros nas cidades africanas se utilizarmos somente o arsenal de nossas próprias experiências? Certamente, os traços comuns não faltam e convém acentuar isso, com segurança. Mas, existe ainda muito mais, como é o caso dos hábitos de hospitalidade e de parasitismo familiar, tão fortes em toda a África Negra. Não foi um geógrafo, mas o sociólogo Roger Caillios quem mostrou como o jôgo representa um papel considerável na economia latino-americana. Pode-se atribuir às estruturas econômicas a virulência desta mentalidade de jogador; ela não aparece como um fator geográfico

(7) MONBEIG, (Pierre), *Évolution des genres de vie ruraux traditionnels dans le Sud-Est du Brésil*, "Annales de Géographie", 1949, n.º 309, p. 35-43. Trata-se do livro de E. WILLEMS, *Cunha — Tradição e transição de uma cultura rural do Brasil*, São Paulo, 1947.

(8) CHOLLEY, obra citada, p. 82.

decisivo, salvo quando invocada rapidamente, como se fôra um pormenor pitoresco e exótico. A percepção de um modo de pensar radicalmente diferente do nosso exige, senão uma certa convivência, pelo menos um sério esforço da parte do pesquisador. Se êste o esquece, cometerá um pecado que, para ser situado no espaço, deverá ser comparado no mínimo aos pecados do anacronismo, de que fala Lucien Febvre.

Uma vez mais foi da pena de Lucien Febvre, historiador, que caíram reflexões preciosas para o geógrafo. Quem poderá ficar surpreso? Debates e pesquisas de geógrafos ficam, por vêzes, tão em desuso e esclerosados como aqueles "grandes temas históricos", que Lucien Febvre combate incansavelmente. A Geografia tem, para os modos de pensar, o mesmo olhar amável mas distante que uma certa história.

Torna-se necessário que o homem seja verdadeiramente considerado como outra coisa além de uma casa, de um trator ou de uma estatística. Se o homem, o homem em sociedade, constitui o centro da Geografia Humana, deve aparecer de maneira total, com seus modos de vida e com seus modos de pensar, que afinal se confundem. A limitada tarefa dos geógrafos deve consistir em explicar a parte dos fatores geográficos na formação e na evolução dos modos de pensar, a das influências que êles exercem sobre os modos de vida e o peso que êstes representam sobre aqueles. Dar mais atenção a estas pesquisas significará enriquecer a contribuição que a Geografia Humana pode ser capaz de trazer ao conhecimento do social.